

SEI QUE EXISTE, MAS NÃO QUERO ACREDITAR: BULLYING NA EDUCAÇÃO

SILVA, Darcy Rodrigues da - FATERFIR
darcymestrado@hotmail.com
LIMA, Laís Leni Oliveira – UFG/CAJ
laisleni@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho¹ objetiva compreender a violência no ambiente escolar, visto que esse fenômeno tem sido um problema cada vez mais frequente, o que preocupa pesquisadores/educadores, pais, sociedade e atores políticos. O termo *bullying*, em inglês, refere-se a um conjunto de práticas agressivas intencionais e repetidas, que ocorre sem motivação evidente, marcado por desequilíbrio de forças, adotado por um ou mais indivíduo contra outro(s). Causa dor, angústia e sofrimento que acarretam danos às relações sociais. As consequências podem ser desastrosas, incluindo-se nesse rol desde a repetência, evasão escolar, isolamento, depressão e, em casos extremos, suicídio e homicídio. Portanto, merece intervenções de profissionais de áreas específicas, atuação em equipe com envolvimento da família, escola e comunidade. Sabemos que a superação da violência não é tarefa exclusiva da educação escolar, entretanto, entendemos que esta tem um papel fundamental no processo de construção e transformação da sociedade. Objetivamos alertar a sociedade dos prejuízos que essa violência causa na vida das pessoas, bem como convidá-la a sensibilizar-se para, pelo menos, colaborar com práticas anti-*bullying* para amenizar essa violência. A abordagem metodológica utilizada no decorrer da pesquisa é um estudo de caráter exploratório com procedimentos qualitativos sem abandonar elementos quantitativos, a fim se perceber as diferentes manifestações do *bullying* escolar. Utilizamos ainda de observações, diálogos, entrevistas semi-estruturadas, questionários. Recorremos a diferentes autores para subsidiar nossas reflexões, tais como: Ludke e André (1986), Fante (2005), Fante e Pedra (2008), Saviani (2015) entre outros. Os sujeitos da pesquisa foram alunos do 4º ao 8º ano do Ensino Fundamental e equipe escolar da rede pública municipal de ensino, vinculados à “Escola Fonte do Saber²”, que responderam um questionário semiestruturado. De modo geral, os resultados indicaram que a escola enfrenta esse tipo de violência em seu cotidiano. A pesquisa revela que o fenômeno *bullying* é reconhecido como problema de ordem social e relacional, que sofre influência de diversos sistemas, tais como: social, político, econômico, cultural, histórico/familiar e do próprio ambiente em que o indivíduo está inserido. Essa violência deve ser analisada com participação e união de toda comunidade, escola e pessoas comprometidas com o desenvolvimento das

¹ Este estudo refere-se a uma pesquisa de dissertação, realizada no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia e Filosofia Fides Reformata – FATEEFFIR, do Mestrado em Educação Holística, 2014. Trazemos neste texto, parte dos dados desta pesquisa.

² Os sujeitos entrevistados não terão identificações pessoais, nem o local onde foi realizado a pesquisa (escola, cidade). Utilizaremos nomes fictícios.

crianças e adolescentes. Dessa forma, podemos tornar o ambiente escolar mais seguro para todos.

Palavras-chave: *Bullying*-escolar. Violência. Educação.

ABSTRAT

This research aims to understand the violence in the school environment, since this phenomenon has been an increasingly frequent problem, which worries researchers / educators, parents, society and political parties. The term bullying, in English, refers to a set of intentional and repeated aggressive practices that occurs without apparent motivation, characterized by imbalances, adopted by one or more individuals against one or other (s). It causes pain, anguish and suffering that eventually brings injuries to the social relationship. The consequences can be disastrous, including in this list from failure to truancy, isolation, depression plus, in extreme cases, suicide and homicide. Therefore, it deserves interventions from professionals of specific areas, team work involving family, school and community. We know that overcoming violence is not a unique task which education is in charge only, however, we understand that it has a main role in the construction and transformation of the society. We aimed to warn the society of the harm that such violence causes in people's lives, as well as to invite them to sensitize themselves to at least collaborate with anti-bullying practices in order to mitigate this violence. The methodological approach used during the research is an exploratory study with qualitative procedures without leaving quantitative elements aside, in order to understand the different manifestations of school bullying. We also use observations, conversations, semi-structured interviews, questionnaires. We use different authors to support our reflections such as: Ludke and Andrew (1986), Fante (2005), Fante and Stone (2008), Saviani (2015) among others. The subjects were students from the 4th to 8th grade of elementary school and school staff of the municipal public school system, linked to the "School of Knowledge Source", who answered a semi-structured questionnaire. Overall, the results indicated that the school faces such violence in their daily lives. The survey reveals that bullying phenomenon is recognized as a problem of social and relational order, which is influenced by various systems such as: social, political, economic, cultural, historical / family and the environment itself that the individual belongs. This violence should be analyzed with participation and union of the whole community, school and people committed to the development of children and teenagers. Thus, we can make safer school environment for everyone.

Key-words: Bullying-School. Violence. Education

1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Presenciamos um momento histórico em que a violência está cada vez mais presente na sociedade. Confirmamos constantemente tal situação, principalmente no

contexto escolar e dentro da sala de aula, durante a realização de nossas práticas pedagógicas. Vivemos uma época de incertezas, tensões, falta de valores, com perda da noção de limites entre as pessoas. Estes comportamentos afetam o relacionamento social e é importante que as pessoas tomem providências no sentido de resolver esse problema. Entendemos que não é possível considerar os fatos de maneira isolada, mas em toda a interação contextualizada da vida dos envolvidos.

De acordo com Fante (2005), o fenômeno *bullying* é uma violência velada, presente em todos os seguimentos da sociedade, que tem se tornado uma questão preocupante em razão da grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade. Diante desse quadro, estão sendo colocadas em práticas várias medidas de segurança no ambiente escolar. Dessa forma, grades e muros altos, detectores de metais e câmeras de vídeo para monitoramento dos alunos são instalados, são disponibilizadas visitas do Conselho Tutelar na escola para ministrar palestras, informando seu papel frente à comunidade, com o objetivo de prevenir os atos violentos. Mesmo assim, há ainda incidência de violência na comunidade escolar.

Sabemos que os comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos contra uma vítima, cujo poder é destrutivo à comunidade escolar e à sociedade como um todo, podem causar danos ao psiquismo dos envolvidos e tragédia social. Este trabalho visa compreender as diferentes manifestações do fenômeno *bullying* buscar alternativas para minimizar tais atos, unindo forças com família, comunidade escolar e órgãos competentes.

Tendo em vistas inúmeros acontecimentos trágicos ocorridos em diversas partes do mundo, a violência escolar não pode ser compreendida como fato isolado. Várias são as causas que justificam esses comportamentos, como: familiares, sociais, psicológicas, culturais, de forma a afrontar as regras, os valores e outros fatores relacionados às diferenças individuais.

O *bullying* constitui, sem dúvida, a forma mais sutil de violência no âmbito escolar, pois se configura em um fenômeno que acomete, geralmente, colegas da mesma sala de aula como vítimas, deixando sequelas psicológicas – em muitos casos irreparáveis –, e acontece em todos os níveis de ensino, entretanto, é na segunda fase do ensino Fundamental e ensino Médio que, segundo Fante (2005), ocorre maior

incidência, pois esta é a fase que coincide com a adolescência, momento este em que o indivíduo se encontra em transição física, emocional e psicológica, entre a infância e fase adulta.

2. HISTÓRICO DO FENÔMENO *BULLYING*

Estabelecer um histórico do fenômeno *bullying* é tarefa complexa, uma vez que se trata de uma periodização, sendo datas e locais apenas referências, ou seja, são caracterizados diferentes momentos ou climas culturais. Clima cultural³ pode ser entendido como “espírito” do tempo que não se deixa datar com precisão. Todavia, é uma qualificação da história.

Segundo Fante (2005, p. 44), “o *bullying* é um fenômeno mundial tão antigo quanto à própria escola”. Embora a sociedade – professores, políticos, família, promotores de justiça, dentre outros – tenha percepção desse problema existente, entre vítimas e agressores, e procura entender suas causas, a mesma ainda não conseguiu realizar ações anti-*bullying* com eficácia.

No entanto, o tema só passou a ser objeto de estudo científico no início da década de 1970. As discussões sobre o assunto começaram na Suécia, onde grande parte da sociedade demonstrou interesse e preocupação com a violência entre agressor e vítima e suas consequências no âmbito escolar e, em pouco tempo, estendeu-se por todos os demais países. De acordo com Fante (2005),

Na Noruega, o fenômeno *bullying* foi, durante muitos anos, motivo de preocupação nos meios de comunicação e entre professores e pais, porém, sem que as autoridades educacionais se comprometessem de forma oficial. Entretanto, no final de 1982, um jornal noticiava o suicídio de três crianças no Norte da Noruega, com idades entre 10 e 14 anos, ato que, com toda probabilidade, foi motivado principalmente pela situação de maus-tratos a que eram submetidas pelos seus companheiros de escola. Esse fato originou grande tensão e divulgação nos meios de comunicação, atingindo a população de maneira geral, fazendo com que o Ministério da Educação da Noruega, em 1983, fizesse uma campanha em escala nacional contra os problemas entre agressores e vítimas (FANTE, 2005, p. 45).

³ Expressão utilizada por Hegel, citado por Nosella (2012). Maiores detalhes ver “A Linha do Planeta da Infância”. IN: MASCARENHAS, A. C. e ZANOLLA, S. R. S. (Orgs.) **Educação, Cultura e Infância**. Campinas-SP: Alínea, 2012. p. 7-50

Diante do exposto, pode-se dizer que os meios de comunicação auxiliam na divulgação dos fatos ocorridos na sociedade, proporcionando informações atualizadas que permitem a adoção de atitudes que venham combater as problemáticas do fenômeno *bullying*.

De acordo com Fante (2005, p. 45), Dan Olweus – Pesquisador da Universidade de Bergen – foi quem desenvolveu os primeiros estudos e investigações para detectar o problema da violência de forma específica, distinguindo-o de outras explicações que afirmavam que o *bullying* não é uma brincadeira e sim um ato violento entre os iguais. Dan Olweus realizou um estudo que reuniu vários estudantes, professores e pais de alunos, para avaliar a sua natureza e ocorrência. Essa pesquisa foi realizada em todas as séries do ensino fundamental até o último ano do ensino médio. O objetivo principal do programa de intervenção era avaliar as taxas de ocorrências e as formas pelas quais o *bullying* se apresenta na vida escolar das crianças e dos adolescentes do seu país, bem como desenvolver regras claras contra o *bullying* nas escolas, aumentar a conscientização dos pais frente aos problemas vivenciados por eles, de forma a eliminar o fenômeno e promover apoio e proteção às vítimas.

De acordo com a pesquisa supracitada, os dados de outros países⁴ indicam que as condutas de *bullying* existem com relevância similar ou superior às da Noruega. De acordo com Fante (2005), diversas pesquisas sobre este fenômeno apontam para os aspectos preocupantes com o crescimento do problema. Estimou-se que pelo menos 35% das crianças em idade escolar estavam envolvidas em condutas agressivas no ambiente escolar, incluindo tanto os jovens vítimas de violência, quanto os próprios agressores e expectadores envolvidos indiretamente.

Ainda citando estudos de Fante (2005), nos Estados Unidos, os índices de incidências do *bullying* são motivos de interesse e preocupação dos professores, pais e autoridades. Nesse país os índices são tão altos, que os pesquisadores americanos classificam-no como um conflito global e, ainda, preveem que, se persistir essa

⁴ Como é o caso da Suécia, Finlândia, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Países Baixos, Japão, Irlanda, Espanha e Austrália, maiores detalhes consultar (FANTE, 2005).

tendência, será grande o número de jovens que se tornarão adultos abusadores e delinquentes, infratores, principalmente agressores.

Fante (2005) afirma que, no Brasil, o assunto sobre *bullying* ainda é pouco comentado e estudado, motivo pelo qual faltam indicadores que forneçam dados globais sobre o assunto, para que se possa compará-los aos demais países. Entretanto, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção da Infância e da Adolescência (ABRAPIA) dedica-se ao estudo, pesquisas e divulgação do fenômeno *bullying* desde 2001. Pesquisas realizadas em escolas do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, em 2003, mostraram que 40,5% dos alunos pesquisados admitiram estar envolvidos em *bullying*.

O fenômeno se faz presente em nossas escolas, com índices superiores aos apresentados em países europeus. Esse fator foi comprovado por pesquisadores, por meio dos estudos desenvolvidos por Fante (2005, p. 46-47), no período de 2000 a 2004, causando admiração e espanto face ao aumento do índice de violência. Ficou confirmado pelos pesquisadores que houve um pequeno predomínio do sexo masculino (50,5%) em relação ao sexo feminino (49,5%) na participação ativa das condutas de *bullying*.

Para exemplificar uma das ocorrências de *bullying* no Brasil, pode ser citado o fato que ocorreu em janeiro de 2003, na cidade de Taiuva, no interior de São Paulo, que, segundo Silva (2010),

[...] foi palco de grande tragédia. O jovem Edimar de Freitas, de 18 anos, entrou armado na escola em que havia concluído o ensino médio. Abriu fogo contra cinquenta pessoas que estavam no pátio, feriu oito e se matou em seguida. Segundo as investigações, a barbárie foi motivada pelos constantes apelidos e humilhações que Edimar recebia por ser obeso. Ex-colegas do rapaz disseram que ele prometia vingança, afirmando que todos iriam se arrepender (SILVA, 2010, p.118).

Sabe-se que o *bullying* traduz uma série de valores que está fora dos padrões estipulados pela sociedade. E, nesse caso do Edimar, ele sofreu vários ataques diretos por ser obeso. Com isso, ele sentiu-se excluído pelo grupo e não conseguiu controlar seus impulsos em razão dos sofrimentos vividos, reagindo contra os agressores e contra si mesmo.

Diante desse fato, percebemos que o referido sujeito não conseguiu amparo para seu sofrimento, tampouco conseguiu lidar com a situação e transformou o que vivia em violência. Notamos que a escola e a família tiveram contribuição no acontecido, quer seja por não orientar, quer seja por não acompanhar o jovem na luta contra a opressão que sofria. Entendemos que, se a escola e a família estivessem mais próximas do rapaz, compreendessem o modo como atuar nesse processo, com propósitos bem definidos, possibilitaria ao sujeito um desenvolvimento qualitativamente superior e até poderia ter evitado essa tragédia.

De acordo com Silva (2010), entendemos também que nem sempre é possível acompanhar de perto os atos de uma pessoa e prever seu comportamento com relação às possíveis ações que poderão ocorrer. Entretanto, não podemos ficar omissos quando o caso de exposição é evidenciado. Todos nós sofremos de alguma espécie de crítica, seja física ou emocional, e temos que lidar com ela contendo nossas emoções, entretanto, não podemos naturalizar essas situações e nem considerar nenhum fato isoladamente, é preciso considerar a contextualização de toda história de vida.

Segundo Silva (2010) a imprensa e os meios de comunicação têm como tarefa divulgar o assunto, contribuindo para a conscientização de toda sociedade; somente desta forma será possível despertar as autoridades e exigir delas a criação de políticas capazes de prevenir o *bullying* e ou minimizar os efeitos individuais e coletivos desse fenômeno. Os representantes da sociedade deveriam criar leis específicas para coibir a prática do *bullying*, com penalidades rígidas como: multas, prestação de serviços sociais, medidas socioeducativas aos agressores dessa violência, que tem provocado muitos prejuízos às vítimas, amigos e familiares das vítimas.

3. CARACTERÍSTICAS DO BULLYING

Segundo Silva (2010, p. 22), algumas atitudes podem representar formas diretas ou indiretas de *bullying*. O *bullying* direto envolve ataques de um estudante contra outro, incluindo palavras, gestos, expressões faciais e contato físico. O *bullying* indireto implica a exclusão da vítima de seu grupo de pares, fazendo com que tenha problemas para fazer novos amigos em sua sala de aula. Porém, o autor lembra, ainda,

que há uma clara associação entre as duas maneiras, pois os alunos que sofrem *bullying* direto geralmente são isolados e rejeitados entre seus pares.

De acordo com Silva (2010), essas atitudes maldosas contribuem não somente para exclusão social da vítima, mas também para muitos casos de evasão escolar e podem se manifestar de várias formas: verbal; físico e material, psicológico e moral; sexual e virtual ou *ciberbullying*.

Em decorrência dos avanços tecnológicos, existem novas formas de *bullying*, que ocorrem utilizando aparelhos e equipamentos de comunicação. Segundo Silva (2010, p. 24), o fenômeno *bullying* é típico das diferentes interações humanas; dessa forma são utilizados celulares, internet, para difundirem maneiras de domínio e opressão, calúnias e maus dizeres sobre as vítimas. Essa forma de *bullying* é conhecida como *ciberbullying*, que ganha proporções fora da escola. Esse é um tipo de *bullying* que humilha e ridiculariza os alunos, pessoas desconhecidas e também professores, perante a sociedade virtual.

Os meios virtuais utilizados para disseminar difamações e calúnias são as comunidades, *e-mails*, redes sociais, *Facebook*, *Blogs*, *whatsapp*, nas telas dos aparelhos celulares, entre outros meios. Como afirma Zuin (2012),

Na sociedade em que o vício pelo consumo de estímulos audiovisuais se propaga numa velocidade, digamos, progressão geométrica, uma recente modalidade de violência adquire cada vez mais espaço, ainda que no ambiente virtual: o *ciberbullying* escolar. Trata-se de uma série de atitudes agressivas que são cometidas, por um ou mais alunos, contra outros colegas por meio de textos e imagens postadas nos *blogs*, no Orkut, no *Facebook*, e nas telas de aparelhos celulares, entre outros meios (ZUIN, 2012, p. 82).

Entendemos que essa forma de realizar o “*bullying*” é mais complexa, visto que, além de discriminar as pessoas, os autores são incapazes de se identificarem, pois não são responsáveis o bastante para assumirem aquilo que fazem. É importante dizer que, mesmo anônimos, os responsáveis pelas calúnias poderão ser descobertos. Como afirma Silva (2010), o *bullying* pode ocorrer de várias maneiras, por meio físico, verbal, sexual, social e, por último, este o – *ciberbullying* –, citado anteriormente, agindo fora dos muros das escolas e ganhando dimensões difíceis de serem controladas e combatidas.

4. A PESQUISA: PREVALÊNCIA DO FENÔMENO *BULLYING* E OS TRANSTORNOS PARA A VIDA DOS ENVOLVIDOS EM *BULLYING*

Combater atos de alunos indisciplinados na escola torna-se urgente, pois comprometem o processo de ensino-aprendizagem dos mesmos, causam transtornos para a vida dos envolvidos e impede o desenvolvimento enquanto pessoa. É pela educação que o homem adquire os atributos para viver em sociedade. De acordo com Martins (2004) a educação escolar tem papel insubstituível no desenvolvimento das propriedades essencialmente humanas, com a compreensão de que a verdadeira educação é a transformação histórica do ser em direção a um ideal humano superior, tendo neste ideal a superação das condições que alienam o ser humano, para que ele possa objetivar sua atividade vital consciente, social, universal e livre.

Segundo Saviani (2015) desde a Idade Moderna a escola está posta como agência educativa ligada às necessidades de progresso, às necessidades de hábitos civilizados, que corresponde à vida nas cidades, e a isto também está ligado o papel político da educação escolar enquanto formação para a cidadania, formação do cidadão. Este autor considera que esse princípio confunde a escola com a educação propriamente dita e leva ao que ele chama de hipertrofia da escola, já que a tendência é atribuir à escola tudo aquilo que é educativo, como se ela tivesse que absorver todas as funções educativas que antes eram desenvolvidas fora da escola. Dessa forma, a escola tem enfrentado muitos desafios, ficando comprometida com suas ações, em decorrência da falta de compromisso dos outros espaços educativos. É importante esclarecer à comunidade, que a escola deve exercer sua função de socializar o saber sistematizado, o conhecimento elaborado, a cultura erudita; favorecer relações sociais, preparar os alunos para o mundo do trabalho, para os valores, cidadania, tolerância e respeito entre os aprendizes. O autor mencionado enfatiza que funções que antes se acreditava ser da própria família assume a forma escolar. Portanto, a família deve exercer sua função de educar os filhos. Da mesma forma, os estudantes precisam ser conscientizados de que os seus direitos vêm acompanhados pelos deveres. Restam a eles assumirem o compromisso com seu aprendizado acadêmico e formação da personalidade.

Na pesquisa realizada, verificou-se a prevalência do fenômeno *bullying* (vítimas e agressores) em uma amostra representativa, conforme resultado da pesquisa de uma população constituída de 151 alunos do 4º ao 8º ano do ensino Fundamental, com faixa etária de 9 a 16 anos, matriculados nos turnos matutino e vespertino, 20 funcionários de diferentes áreas de conhecimento, tais como: professores, coordenadores pedagógicos e de turnos, bibliotecária, secretaria geral, auxiliar de secretaria, merendeiras, zeladoras, porteira serventes, gestora, pais de alunos e psicóloga, todos vinculados à escola “Escola Fonte do Saber”.

O trabalho foi desenvolvido por meio de vários recursos típicos da investigação participante, dentre os quais destacamos a observação dos alunos, tanto em períodos em que se encontravam nas salas de aula, quanto nos intervalos das aulas. Os questionários foram respondidos espontaneamente, pelas experiências que os alunos tinham a respeito do fenômeno *bullying* e pelas vivências presenciadas ou sofridas, principalmente no âmbito escolar.

Durante a proposição dos questionários, alguns alunos comentaram com os colegas sobre o fenômeno. E outros alunos deixaram de responder algumas questões, alegando que não queriam recordar as violências traumáticas que tinham sofrido por pessoas da própria família. No entanto, os alunos tiveram a livre expressão de suas ideias para serem comentadas ou não. Enquanto pesquisadora, mantivemos respeito e ética frente aos alunos, razão pela qual não identificamos nenhum sujeito pesquisado.

Como afirmam Lúdke e André (1986), é preciso planejar a observação, definindo claramente o foco da investigação e sua configuração, pois assim ficam mais evidentes os aspectos do problema que será observado e a melhor forma de captá-lo. Nesse sentido, nosso foco constitui-se na identificação do fenômeno *bullying*, se existia ou não e qual seu indicador. Para dar continuidade a pesquisa, utilizamos questionários com perguntas semiestruturadas sobre o tema proposto. De acordo com Lúdke e André (1986), o vocabulário utilizado no questionário foi cuidadosamente adequado ao nível de instrução do aluno.

Partimos da questão sobre o conceito de *bullying*. Pelas observações feitas e pelos registros dos alunos e professores entrevistados, percebemos que 98% do grupo (de 171) se envolveram em algum tipo de *bullying* e responderam que sabiam o que era

o *bullying*, entretanto, alguns não tinham conhecimento dos prejuízos para a vida das pessoas envolvidas.

Perguntamos se os entrevistados já foram vítimas de *bullying*. Do total de entrevistados, 77,48% disseram que foram vítimas de *bullying* na escola, enquanto que somente 22% disseram que não foram vítimas. Diante do resultado apresentado, entendemos que, de certa forma, a instituição escolar é marcada por algum tipo de violência, o que, conseqüentemente, gera certo desconforto, esgarçando os limites da convivência social escolar.

Em sequência, buscamos saber quais as formas de agressões mais comuns que os estudantes sofrem na escola. Observando os resultados conclui-se que 56% dos entrevistados já sofreram agressões verbais com muitas frequências, enquanto que 19% nunca sofreram *bullying*; outros 8% já disseram que sofreram outros tipos de agressões, enquanto que 14% disseram que não sofreram nenhum tipo de agressão. Diante desses resultados, percebemos que as agressões não são algo estático, tampouco uniforme; sabemos que devemos educar para que os seres humanos, aqui em específico os alunos, colaborem e respeitem os direitos alheios sem agredir o semelhante. Entendemos que esses sujeitos tornam-se reféns do emaranhado de significados que a violência comporta. Faz-se necessário entendê-la, para além da “naturalidade” com que é processada no dia a dia pela mídia ou por outros veículos de comunicação.

De acordo com nossas observações, certificamos que essa incidência tão alta do *bullying* ocorreu no início do ano letivo. Para muitas crianças e adolescentes, a entrada em uma nova turma ou em outra etapa da educação fundamental – alunos do 6º ano – assinala novos contatos, novas amizades, gerando o *bullying* na instituição. Entretanto, percebemos que esse fenômeno foi minimizado após os trabalhos desenvolvidos pela escola, por meio das ações educativas e a vigilância da equipe escolar, além de denúncias feitas às autoridades.

Outro fator importante destacado foi em relação ao que a escola pode fazer para amenizar o *bullying*. Os sujeitos entrevistados acreditam no papel da escola como instituição comprometida com o desempenho de um trabalho que poderia influenciar significativamente para amenizar o *bullying*, como acionar autoridades competentes, realizar projetos *anti-bullying*, criar leis para punir os agressores, e, por fim, que os

agressores pagassem multas. Tanto professores quanto os alunos responderam que a escola está tentando minimizar os casos *bullying* e que deve continuar desenvolvendo ações pedagógicas contra essas violências. Sendo assim, percebemos que ainda prevalece historicamente a crença de que a instituição escolar é um espaço de mediação de conflitos e de convivência social. Diante disso, percebemos a unanimidade das respostas em relação às emoções e sentimentos ao presenciar a prática do *bullying*. Todos confessaram que se sentiam tristes, amedrontados, magoados, que tinham vontade de parar de estudar, de mudar de cidade e de escola, sentiam muita vergonha e orgulho ferido, chateados, não tinham vontade de sair de casa, queriam ficar isolados e que sentiam vontade de cometer vinganças quando sofriam *bullying*. É possível constatar que os sentimentos têm diferentes sentidos.

Ao analisar a opinião dos alunos em relação à postura do professor sobre a situação de *bullying*, todos concordaram que o trabalho do professor e da família é o mais importante, uma vez que estes desempenham papel central na vida dos alunos, tendo influência significativa que poderiam determinar as experiências escolares, facilitando o desenvolvimento social ou simplesmente aumentando dificuldades e frustrações. Assim, os alunos responderam que os professores devem convidar os pais para assistir aulas, continuar trabalhando com projetos anti-*bullying*, denunciar mais os agressores, dar mais punições para os alunos agressores, chamar as autoridades competentes sempre que houver violência, não deixar alunos violentos estudarem até que melhorem o comportamento, prestar serviços sociais, dentre outras punições.

Perguntamos também se os entrevistados conhecem e como são demonstrados os comportamentos e condutas dos praticantes do *bullying*. Por unanimidade, responderam que quem pratica *bullying*, geralmente, apresenta comportamentos agressivos, de superioridade, de hostilidade, são violentos, falam muitos palavrões, gritam muito, são mal-educados, impacientes, autoritários e diferentes dos demais alunos. São desafiadores aos pais, professores, colegas e demais pessoas.

Os sujeitos pesquisados afirmaram que a maioria – 95% dos praticantes de *bullying* - são do sexo masculino. Esse fato demonstra que o próprio conceito de gênero carrega uma tendência à naturalização das relações sociais, baseadas na fisiologia do

corpo. Dessa forma, meninos são considerados historicamente mais agressivos, violentos, corajosos e competitivos.

Como afirma Finco (2007), a história mostra que a preocupação com o corpo sempre foi central no enquadramento dos processos e estratégias das práticas pedagógicas feminino, uma vez que, segundo a pesquisa, somente 5% das meninas envolveram-se com o *bullying*. Ainda segundo a autora citada, desde os tempos imemoriais, os machos são condicionados para a agressividade e as fêmeas para passividade e submissão. Nesse sentido, compreendemos que esse resultado pode estar ligado a esse conceito histórico de naturalização biológica dos sexos. Identificamos que, enquanto as meninas praticam *bullying* na base de mexericos e intrigas, os meninos tendem a utilizar a força física para firmarem seu poder sobre os demais, sendo estes mais durões, pouco sensíveis, menos afetivos em comparação com as meninas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que o resultado da pesquisa criou-se um estado de alerta para que os educadores responsáveis compreendam que a incidência do *bullying*, nas análises realizadas, é de caráter agravante e que deve ser minimizada mediante ações educativas coletivas, seja com familiares, órgãos competentes ou comunidade em geral.

Quanto aos fatores predominantes que levam as pessoas a praticarem o *bullying*, 60% dos professores, responderam que esse fato ocorre pela complexidade que existe entre as relações humanas, bem como: a falta de estrutura familiar, informações pautadas em valores, carência afetiva, ausência de limites e de modelos educativos por parte dos responsáveis pela criança. A superproteção de algumas famílias também interfere nos relacionamentos das crianças, bem como os maus tratos recebidos pela família, e a falta de diálogo. Em outras situações percebemos que alguns alunos comentem essa violência por satisfação pessoal, sem motivos aparentes. 30%, representa a convivência das crianças em ambientes conflituosos. A falta de regras e de boa convivência social, totalizaram 5%; e os outros 5% não souberam responder.

Confirmamos nos depoimentos dos professores, que o envolvimento dos alunos nos jogos esportivos, tem contribuído para internalizar regras e limites bem

como, melhorado a interação dos mesmos e diminuído as práticas de *bullying* dentro das salas de aula.

Desta maneira, percebemos que têm sido desenvolvidas, na escola campo dessa pesquisa, relevantes ações, para minimizar essa problemática, contribuindo assim, para um mundo mais justo e humano, em que as pessoas possam ser mais solidárias e menos violentas. Para exemplificar uma dessas ações destacamos, a participação de um grupo de alunos em uma peça de teatro que para nossa surpresa um aluno que mais cometia atos violentos com colegas e professores, se destacou entre os demais, porque fez uma brilhante apresentação. A apresentação cultural aconteceu em homenagem ao aniversário da cidade. O público que estava presente ficou comovido com a participação desse aluno, principalmente a equipe escolar, porque, não conheciam o potencial artístico e cultural daquele aluno. Porque o mesmo era muito rebelde e violento e ao mesmo tempo causava muitos problemas para a escola. Notamos que a partir desta motivação este aluno tem mudado seu comportamento e diminuído as agressões.

Enfatizamos que não somos ingênuos a ponto de acreditar que a escola sozinha mudará o sistema social. Entretanto, cremos que temos responsabilidade muito grande na formação da consciência de nossos alunos. Assim, diante das questões analisadas, consideramos que o *bullying* não é um problema apenas para a comunidade escolar resolver, exigindo esforços de órgãos públicos e sociedade civil organizada.

É preciso normatizar políticas públicas de longo prazo. Não podemos ficar achando que o que acontece não nos afeta ou que não é possível lutar para modificar. De acordo com Bazana e Callai (1996, p.127), “implícita ou explicitamente a escola tem um projeto de sociedade e homem que quer firmar”.

Nesse sentido, entendemos que a escola colabora e se compromete implicitamente com a perpetuação ou mudança do sistema vigente. Para termos cidadãos melhores, críticos, criativos, não violentos, conscientes e responsáveis, é preciso lutar para alcançar esses objetivos. Não estamos propondo receitas e nem verdades únicas, porém, acreditamos num trabalho coletivo, do qual participem pais, professores, alunos, equipe escolar e comunidade. Pois cada um, em sua singularidade, possui vivências e culturas diferenciadas; posturas e posicionamento. A partir desses

encontros, e porque não dizer até desencontros, é que se expressam as muitas vozes do que cada um acredita e espera que seja a escola.

REFERÊNCIAS

BAZANA, Ana Emília e CALLAI, Dolair Augusto. **As séries iniciais da escola: conversas de professoras**. Ijuí: Unijuí, 1996.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2 ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

___ e PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas & respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FINCO, Daniela. A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil. In: FARIA, A. L. G. (org.). **O coletivo infantil em creches e pré-escolas**. São Paulo: Cortez, 2007. (p. 94-119).

LÚDKE, Menga e ANDRE, Marli E. D. Abordagem qualitativa de pesquisas: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986, p. 11-44.

MARTINS, Lígia Márcia. Da formação humana em Marx à crítica da pedagogia das competências. In: DUARTE, Newton. (org.). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. São Paulo: Autores Associados, 2004. p. 53-74.

SAVIANI, Demerval. O trabalho como principio educativo frente às novas tecnologias. http://www.ufpr.cleveron.com.br/arquivos/EP_104/dermeval_saviani.pdf. Acesso em 23/02/2015. p. 1-15.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school: what we know and what we can do**. London, Lackwell, 140 p.

ZUIN, Antônio A. S. A indústria cultural da infância e o *Ciberbullying*. In: (org) MASCARENHAS, Angela Cristina Belém; ZONOLLA, Silvia Rosa Silvia. **Educação, cultura e infância**. Campinas-SP. Editora Alínea, 2012. Cap. 4, p. 81-99.